

---

**Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade do Estado do Pará  
Belém-Pará- Brasil**



---

V.13. N. 26. Mai./Ago./ 2019 p. 3-12

ISSN: 2237-0315

---

### **Onde nos encontramos e para onde iremos segundo Zygmunt Bauman**

*Where we are and where we are going according to Zygmunt Bauman*

Luiz Alberto Ribeiro Rodrigues  
**Universidade de Pernambuco - UPE**  
Recife-Pernambuco-Brasil

#### **Resumo**

Esta obra representa uma contribuição ao debate em torno das mudanças culturais em curso no mundo atual, um entendimento acerca do dilema existencial, frente ao mundo em que nos encontramos e para quais poderão ser os próximos rumos. Dirigido as novas gerações, o texto responde à questionamentos representativos da cultura vivida pela juventude atual, identificadas a partir de múltiplas transformações (na pele, na agressividade, sexuais e amorosas), marcas do espírito de contestação presente na cultura moderna. Bauman responde a essas provocações fazendo uma releitura de sua teoria acerca da modernidade líquida, deixando assim, como legado, em certa medida, um método de análise e alguns instrumentos que permitem ao leitor, compreender o sentido do mundo em que vive e projetar os rumos de sua história.

**Palavras-chave** - Modernidade líquida; Identidade; Espírito de contestação.

#### **Abstract**

*This work represents a contribution to the debate around the cultural changes taking place in the world today, an understanding of the existential dilemma, facing the world we are in, and what the next course may be. Aimed at the new generations, the text responds to the questionings representative of the culture lived by the current youth, identified by multiple transformations (skin, aggressiveness, sexual and loving), marks of the spirit of contestation present in modern culture. Bauman responds to these provocations by re-reading his theory about liquid modernity, leaving as a legacy to some extent a method of analysis and some tools that allow the reader to understand the meaning of the world in which he lives and to design directions of its history.*

**Keywords** - Liquid modernity; Identity; Spirit of contestation.

BAUMAN, Zygmunt e LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos**. Tradução de Joana Angélica Dávila Melo. I ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

### **Introdução**

O debate em torno da questão da ética e da moral no contexto da pós-modernidade encontra no pensador, sociólogo, Zygmunt Bauman, um dos seus maiores expoentes. Em sua vasta obra, ele realiza uma crítica a cultura capitalista voltada ao consumismo, ao caráter fragmentário e episódico em que vive a sociedade atual, desfacelando os objetivos da vida humana neste contexto.

A sua mais recente obra, “Nascidos em Tempos Líquidos”, representa cronologicamente, a última contribuição deste pensador, e ao mesmo tempo traduz, um particular e significativo sentido para o conjunto de sua produção. Produzido em forma de diálogo com Thomas Leoncini (jovem jornalista e escritor italiano), este livro coloca à disposição dos leitores, os últimos fragmentos, escritos às vésperas de sua morte, antes de completar 91 anos. Como ocorreu com José de Alencar<sup>i</sup> (no romance intitulado Ubirajara), no final do texto, o leitor é surpreendido com a brusca ausência da continuidade do diálogo, dado a sua partida, em pleno processo de elaboração. Apesar de pequena, com apenas 95 páginas, esta obra suscita profundas reflexões e se apresenta como um desafio à compreensão e a análise das mudanças culturais em curso no mundo atual, possibilitando ao leitor um entendimento acerca do dilema existencial, questionando onde nos encontramos e para quais poderão ser os próximos rumos.

### **Reflexões sobre a obra “Nascidos em tempos líquidos”**

O propósito do escrito é ser um legado para as novas gerações, produzido à luz de provocações elaboradas por Leoncini, agrupadas em três tipos de questionamentos representativos da cultura vivida pela juventude atual, identificadas a partir de múltiplas transformações (na pele, na agressividade, sexuais e amorosas), que marcam o espírito de contestação presente na cultura moderna. Bauman responde a provocações fazendo uma releitura dessas transformações à luz da teoria da modernidade líquida, amplamente desenvolvida em sua vasta obra composta por mais de 40 livros difundidos pelo mundo.

Há de fato uma necessidade estética na modernidade líquida, que justifique a crescente onda, sobretudo entre a juventude, em torno do uso do uso de imagens, mensagem em forma de tatuagens e/ou por práticas de cirurgias plásticas para alterar a própria imagem? Na visão de Bauman, o uso desses artifícios, tal qual as tatuagens, nasce do desejo humano de reelaboração da identidade social e significam um tipo de “reprodução criativa”:

que habitualmente identificamos como ‘moda’. Pode-se, nesse sentido, pensar essa questão na perspectiva da construção do “[...] conceito de ‘identidade’ e de ‘práxis da ‘identificação do eu’ para preencher o vazio que seu preconizado desaparecimento abriria nas rotinas vigentes de posicionamento e classificação social (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 20).

O conceito de identidade aqui é posto em contraponto ao conceito de comunidade, que em tese é categoria como função coercitiva, que atua efeito forte no processo de definição do sujeito social. A identidade do eu, em contraponto a comunidade, busca afirmar o pertencimento pela *autodefinição* combinada a *autoafirmação* (BAUMAN; LEONCINI, 2018).

Esse modo de afirmar-se, construir uma identidade individual em detrimento da identidade comunitária, tem fortes consequências para a vida do indivíduo na sociedade, em especial como fator e condição para o agravamento do sentimento da solidão. Em recente publicação, Dunker (2017) referencia a solidão ao resultado de um processo de escolha individual, intencional e deliberada, em detrimento ao valor da vida em grupo. Sustenta este autor que a solidão é agravada com a ausência de experiências comunitárias de trabalho e até mesmo com a falta do engajamento individual em uma causa de ideal coletivo. A solidão é assim sentimento alimentado por práticas individualistas, por experiências de autodefinição e tem se tornado um sofrimento característico desse nosso tempo. Um exemplo elencado por Dunker de como enfatizamos a indiferença na modernidade é o modo como lidamos com a questão do luto. A falta de audiência a relatos de fatos vividos por outros, por uma vítima de estupro na guerra, por exemplo, ou mesmo como lidamos com pessoas que escaparam de campo de concentração e não encontra espaço ou alguém interessado em ouvir sua história (BAUMAN; LEONCINI, 2018).

Ganha sentido assim a forma específica da violência pós-moderna, já abordada por Bauman (2011), advindo da organização privativa, da desregulamentação e da

descentralização dos problemas de identidade, gerados quando o interesse privado sobrepõe ao interesse coletivo, abrindo-se caminho para uma vida marcada pela solidão e pela indiferença.

Entende Bauman que as transformações na pele, causadas pelo uso das tatuagens e/ou por práticas de cirurgias plásticas, demonstram uma capacidade de encarar identidades em diferentes lógicas (BAUMAN; LEONCINI, 2018). Pode-se considerar estas opções, ao mesmo tempo, como um ato intencional de compromisso com a liberdade de escolha e como exercício de afirmar o direito, a autodefinição. As tatuagens estão no mesmo terreno do fenômeno da moda. São intervenções no corpo pautadas na dialética do pertencimento e da autodefinição.

Por outro lado, destaca o autor, a transformação da pele por meio de tatuagens e/ou cirurgia plástica se inserem no contexto da economia consumista, que “transforma possibilidade em obrigação ou a oferta em demanda” (BAUMAN; LEONCINI, 2018, p. 30). Em nome da moda, essa transformação está estritamente conectada ao fato de sermos uma sociedade de consumo, contexto econômico que sobrevive e prospera em função da relação oferta e consumo, ou seja, havendo a condição e possibilidade de se realizar as intervenções, gera-se a obrigação de conseguir. Dito na linguagem do mercado, transforma-se a possibilidade de oferta em demanda real, dinâmica que alimenta a economia consumista.

A questão da sociedade de consumo já havia sido discutida por Bauman, como um marco próprio da cidade moderna. A cultura do consumo tende a alimentar relações flutuantes e não comprometedoras entre estranhos, tudo pela busca de prazeres anônimas, motivados e apoiados apenas pela atenção, prazer e desejo, “[...] nas ruas da cidade as pessoas são superfícies para as outras [...]. Cada andarilho se move, mas sem qualquer promessa e compromisso. Contém, portanto, uma enorme carga de risco.” (BAUMAN, 2011. p. 184).

O risco observado pelo autor refere-se a ausência de compromisso e superficialidade nas relações, significa um “olhar sem ver [...] uma ação que para na superfície e as superfícies se apresentam aos sentidos como objetos potenciais de sensações táteis, acima de tudo: o olhar que não vê é um substituto, ou uma premonição, para o tocar sem segurar, o acariciar sem reter.” (BAUMAN, 2011. p. 184).

A segunda transformação em questão refere-se a agressividade, marcada por conflitos e violência vividos na modernidade. Provocado para explicar o fenômeno do *bullying* em suas diferentes configurações e estágios (separação, marginalidade e agregação), Bauman retoma o conceito de “processo de civilização”, caracterizado como o esforço em ‘varrer’, esconder da vista das pessoas civilizadas a agressividade e a violência para fora, colocando-o debaixo do tapete, ou seja, um processo de

eliminação de comportamentos reconhecidos, avaliados e condenados como bárbaros, rústicos, toscos, descorteses, mal-educados, atrevidos, impertinentes, deselegantes, mal-criados, desprezíveis, inconvenientes ou vulgares, e, no conjunto, grosseiros e inadequados ao uso por parte de ‘pessoas civilizadas’, além de degradantes e desvalorizadores, se por eles usados. (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 41)

Em outra direção, o autor identifica que na modernidade a solução dos conflitos tem esquecido a prática do diálogo, do debate e da renegociação. Ao contrário têm-se observado o retorno da violência e da opressão, facilitado pelo avanço das tecnologias. O *bullying* ganha sentido como uma ferramenta de exclusão, utilizado para marcar território, dizer que o outro não tem direito, não é um dos nossos e portanto deve ser limitado a participar na nossa vida. O uso do *bullying* enquanto tentativa de excluir o outro, sempre existirá, mas as razões podem mudar em cada cultura. Os motivos que levam a este modo de exclusão “vão e vêm, na onda das modas do momento, mas o desconforto existencial permanece, e exige com insistência ser aliviado, desafogando a pressão acumulada e prevenindo o acúmulo posterior.” (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 49).

Bauman introduz nesse diálogo sobre a agressividade, a categoria espectador, conceito utilizado para designar pessoas que “veem o mal ser realizado mas desviam o olhar e não fazem nada para detê-lo”. (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 52). Espectador é também utilizado para compreender fenômenos como o genocídio e de modo especial para decifrar o holocausto. Essa temática, utilizada com frequência em filmes, por exemplo, acaba por ser banalizada, posta como objeto para divertir e não para chocar. Na modernidade, o mal, para o espectador, perde a racionalidade de causa-efeito, são apenas eventos semelhantes que “se repetidos, multiplicados, sempre revistos ou

escutados, tendem a se despojar de sua capacidade de chocar.” (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p.55).

Na cultura moderna, a agressividade ganha o sentido de banalização, na medida em que o tema vem sendo utilizado com frequência para divertir e não para chocar. Fatos de agressividade, de violência ganham notoriedade nos meios de comunicação quando causam escândalo e ainda terão mais impacto se for de mal gosto. Um exemplo dessa tendência ocorre, aqui no Brasil, na programação de emissoras de rádio. As maiores audiências ocorrem em torno de programas que relatam fatos de violência policial.

Esse fenômeno é assim um ingrediente capaz de aumentar a audiência, elevar as vendas de jornais e erguer cada vez mais os lucros. O fato é que se tornou habitual a exposição da banalidade em diversos canais, seja difundida através de filmes, rádios, jornais, ou revistas em diversas mídias, sem no entanto, importar-se com as consequências de tais fatos.

A divulgação da agressividade serve assim como um modo de alimentar a insensibilidade social, engordar a cultura do sujeito espectador, atraído por esse tipo de manifestação. Na modernidade não há só motivos individuais precisos e determinantes para os atos de agressão. Há uma ausência da lógica entre causa e efeito. Esse tipo de ato tende a ser impulsionado pela força que ganha como causa na demanda por espectadores. É nesse sentido que afirma Bauman (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 57), “fazer o mal não exige motivações. [...] já não terá se deslocado consideravelmente da classe das ações voltadas para um objetivo (ou seja, sensatas, a seu modo) para o âmbito de um agradável passatempo e entretenimento (para um número crescente de ‘espectadores’)?”

A questão do mal vem sendo abordada também por autores como Goes (2014), que o identifica como elemento intrínseco a prática da política. Esta autora lembra que o ódio é um ponto de fusão das massas e está sempre acompanhado do amor. Ódio provoca destruições no coração dos homens e também destruição na praça pública, no exercício e na consciência política. Esse sentimento tem uma forte importância política na atualidade, e se “articulado a uma formação de massa se torna uma das forças políticas mais importantes da história contemporânea.” (GOES, 2014. p. 25). O ódio e a

política se alimentam mutuamente, são instrumentos um do outro. Toda vez que evoca-se o eu, em detrimento do coletivo, se produz um ponto de ódio, pois “o ódio é correlato do amor. Então, defender uma política em nome do amor é disseminar o ódio.” (GOES, 2014. p. 25).

No caso da relação do cinema com a guerra, deve-se considerar outra hipótese para o sentido por ele atribuído ao sofrimento e a formas de agressão traumática produzida pela guerra, como a defendida por Shurster e Silva (2015). Para esses autores, a narrativa da guerra veiculada pelos filmes no século XX, deve ser considerada como uma nova abordagem do passado, a ser considerado pelos historiadores. Segundo eles

a narrativa fílmica pode, em especial depois da Segunda Guerra Mundial, e em boa parte em função do próprio trauma da guerra e de seus desdobramentos, produzir novas formas de narrativas, incluindo da quebra do monopólio do tempo linear, bem como novas abordagens e temáticas que foram, ainda por longo tempo, recusadas pelo historiador, escapando dos códigos tradicionais de construção do passado. (SHURSTER; SILVA, 2015. p.92).

Reconhecem esses autores que o cinema não é o único a preservar a memória do sofrimento, mas é um concorrente poderoso e muito popular, na descrição do passado. Toda a contribuição do cinema para preservar a memória de agressividade política e social vivida no passado, tem potencial poder de nos responsabilizar “mesmo não tendo culpa direta nos acontecimentos registrados [...], as gerações futuras terão sempre uma espécie de responsabilidade indireta [...] em alguma medida, por saber do que foi capaz de fazer e até onde fomos capazes de chegar”. (SHURSTER; SILVA, 2015. p.115).

O terceiro e último destaque deste livrinho é para as transformações sexuais e amorosas vividas pelos jovens na modernidade. Considera Bauman que na modernidade há um acentuado processo de comunicação instantânea via rede web, uma diminuição drástica na concepção de distâncias espaciais e, em consequência, mudanças nos esquemas psicológicos, afetando a identidade dos sujeitos. A superexposição na web e redes sociais, a que estamos submetidos tem, no mesmo nível, consequências sociais, sobretudo por estimular ações que levam a “redução da esfera pública em detrimento da esfera privada”. A consequência direta desta tendência é a redução do “[...] peso político do cidadão”. (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 63).

A provocação de que, com a web e redes sociais passou a existir o espectador ativo é discutida por Bauman, como uma amarga decepção em relação ao que prometem

as redes. Isso posto conduz ao adensamento da “crise da democracia, e ao agravamento das divisões e dos conflitos políticos e ideológicos”. (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 66).

O que difere então o off-line do mundo *online*? Há de fato uma diferença significativa para os dois mundos, adverte o autor. No primeiro caso, as pessoas são de certo modo “obrigadas” a conviver, a experimentar, a testemunhar a realidade no seu ambiente, na rua, na vizinhança, no lazer, na escola, no local de trabalho. No mundo online, são levadas a escolher com quem se deseja interagir, comunicar, gostar, negar.

[...] com o simples expediente de cancelar o aparecimento daquilo que não se deseja ou de bloquear o acesso de convidados indesejados”, [...] acaba-se por limitar a integração humana, da compreensão, da solidariedade recíproca, a web facilitou as práticas de isolamento, separação, exclusão, inimizades e conflito”. (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 70).

Como se vê, o acesso a web e redes sociais provoca na cultura mudanças significativas, e não indica uma tendência a busca por uma maior “clarividência, de horizontes mais amplos, de conhecimento sobre concepções e estilos de vida que eram ignorados, com o fim de instaurar aquele diálogo que o ‘habitar ideal’ exige”. (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 70).

Distingue o autor que há entre na cultura moderna, o desejo de manter tudo tal como está, em uma relação de flexibilidade, provisoriedade e negociação, não porque considerem uma situação ideal, mas pelo medo de novas alternativas. É nesse sentido Bauman destaca o papel fundamental dos valores da liberdade e da segurança, como fundamentais para a vida, adjetivada de digna, gratificante e nobre. Estabelece entre esses valores uma relação sincronizada, em que “não é possível aumentar a própria segurança sem reduzir a própria liberdade, nem aumentar a própria liberdade sem ceder um pouco da própria segurança” (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 76), tornando o equilíbrio entre os dois, uma tarefa complexa e bastante árdua.

Aponta ainda a incerteza como um marco das relações interpessoais contemporâneos, em todos os níveis. São como que traços da mentalidade e dos tormentos pessoais e coletivos, das alternativas, que seguem uma trajetória pendular entre dois polos de ‘plena liberdade’ e ‘plena segurança’. (BAUMAN; LEONCINI, 2018).

A questão da liberdade ou limite à prática sexual é praticamente a última questão respondida por Bauman neste livreto. Ele lembra que “todos os processos de mudança socioculturais são produzidos por uma ‘destruição criadora’ que comporta,

necessariamente, adaptação e rebelião. [...]” (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 83). Percebe na cultura contemporânea uma tendência a destruição dos elementos da civilização, a busca pela afirmação de que todos os produtos culturais são frágeis, transitórios e com expectativa de vida breve. Nesse sentido há uma procura pela descoberta de novos limites a transgredir, mas esses elementos buscados tendem a se esgotar e gerar uma nova cultura. Conclui reafirmando o conceito de cultura em Lévi-Strauss, “um contínuo processo de estruturação, o cruzamento entre diferenciação do homogêneo e homogeneização do diferenciado, regulado por um duplo arsenal de prescrições e tabus”. (BAUMAN; LEONCINI, 2018. p. 85).

### **Considerações finais**

Esta obra deixa sem respostas questões sobre o trabalho (A flexibilidade laboral pode se transformar com eficácia para os nascidos em tempos líquidos? Poderão, também eles ficar satisfeitos com o próprio trabalho flexível? Ou, ao contrário, estão destinados a ser trabalhadores flexíveis), e sobre a sexualidade (O amor flexível está no DNA do ser humano? Se isso for verdade, o amor líquido é um retorno às origens da sexualidade humana?).

Se não foi possível termos as respostas de Bauman sobre essas questões, dado a sua morte em 09 de janeiro de 2017, esta obra registra, com êxito, mais uma contribuição do autor para a compreensão da história da humanidade, traduz um pouco de sua incansável responsabilidade social e deixa como legado, em certa medida, um método de análise e alguns instrumentos que permitem ao leitor, compreender o sentido do mundo em que vive e projetar os rumos de sua história.

Obra recomendada para jovens de todas as idades, iniciantes ou veteranos no estudo acerca de questões contemporâneas em que urge um debate, dado as consequências que produzem ao contexto social.

### **Referências**

DUNKER, Christian. **Reinvenção da Intimidade**- Políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 320 pp. ISBN: 978-85-92886-46-2

BAUMAN, Zygmunt e LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos**. Tradução de Joana Angélica Dávila Melo. I ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

\_\_\_\_\_. **Vida em Fragmentos**: Sobre a ética pós-moderna. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GÓES, Clara de. Sobre o ódio. In: SHURSTER, K. Et all (orgs). **Velhas e novas direitas: a atualidade de uma polêmica**. Recife: EDUPE, 2014.

SHURSTER, Karl; SILVA, F. C. T. da. A segunda guerra mundial (1939-1945): Heroísmo e tragédia. In: VALIN, Alexandre Busko. Et all (orgs). **O cinema vai à guerra**. 1ª ed – Rio de Janeiro, Elsevier, 2015.

### **Sobre o autor**

#### **Luiz Alberto Ribeiro Rodrigues**

Professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE), Doutor em Educação pela UFPE, Membro do colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Educação - UPE, Pesquisador em Política Educacional, membro do Grupo de Pesquisas Interdisciplinares em Formação de Professores, Política e Gestão Educacional.

E-mail: [luiz.rodrigues@upe.br](mailto:luiz.rodrigues@upe.br)

<https://orcid.org/0000-0002-3151-1685>

### **Nota**

---

<sup>i</sup> José de Alencar faleceu antes de concluir a cena do que poderia ser o final do seu último romance intitulado Ubirajara publicado em 1874. Deixou aos leitores a responsabilidade de pensar o que seria o final dessa obra.

Recebido em: 12/02/2019

Aceito para publicação em: 03/03/2019